

ADAPTAÇÃO E RELAÇÕES DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL COM O LUGAR E A BALNEARIZAÇÃO DE MATINHOS, PARANÁ [BRASIL]

Adaptation and Relations of the Construction Workers with the Place and the Seaside Resort Transformation of Matinhos, Paraná [Brazil]

MARCOS LUIZ FILIPPIM¹, MARCELO CHEMIN² & STEPHANY M. BARROS³

RESUMO

A pesquisa foi desenvolvida em Matinhos, no litoral do Estado do Paraná, tradicional destino turístico de sol e praia do Sul do Brasil, a partir da seguinte questão: como se constituiu o universo laboral e de vida dos trabalhadores da construção civil no processo de balnearização? A exemplo de outros territórios litorâneos globais próximos a grandes centros urbanos, a expansão e verticalização urbana, fixação e crescimento populacional foram fenômenos diretamente relacionados ao uso balneário e turístico. Analisar o universo dos trabalhadores da construção civil e sua contribuição na trajetória do município constituiu o objetivo da investigação, notadamente, o processo de instalação entre 1980 e 2000. Foram analisadas as compreensões de acolhimento no processo de instalação no município, a mobilidade ou ascensão social, bem como as relações de pertencimento. A investigação adotou uma abordagem qualitativa, com delineamento de estudo de caso e as técnicas utilizadas para a coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas. Os resultados indicam que os entrevistados, oriundos de áreas rurais e com fragilidade econômica, mencionaram dificuldade inicial na adaptação, contudo, a partir de experiências vivenciadas criaram relações de pertencimento consistentes com o lugar e experimentaram ascensão e mobilidade social, com rotinas atreladas à dinâmica balneária.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Trabalho; Destino Turístico; Balneário; Paraná, Brasil.

ABSTRACT

The research was developed in Matinhos, on the coast of Paraná, a traditional tourist destination for sun and beach in the South of Brazil, based on the following question: how was the universe of work and life of construction workers constituted in the process of seaside resort transformation? As in other global coastal territories near large urban centers, urban expansion and verticalization, settlement, and population growth were phenomena directly related to beach and tourist use. The objective of this investigation was to analyze the universe of the construction workers and their contribution in the trajectory of the municipality, especially the process of settlement between 1980 and 2000. The comprehensions of welcoming people in the

¹ **Marcos Luiz Filippim** – Doutor. Professor na Universidade Federal do Paraná, Matinhos, Paraná, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1836035140497841> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4813-3676>. E-mail: marcoslupim@yahoo.com.br

² **Marcelo Chemin** – Doutor. Professor na Universidade Federal do Paraná Programa, Pós-Graduação em Turismo, Matinhos, Paraná, Brasil. Currículo: <https://lattes.cnpq.br/3630047341785353>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8200-9839>. E-mail: marcelochemin@ufpr.br

³ **Stephany Mayhara Barros** – Mestra em Desenvolvimento Territorial Sustentável, Universidade Federal do Paraná, Matinhos, Paraná, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0220000717183975>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1636-5920>. E-mail: barros.m.ste@gmail.com

process of settling in the municipality, the mobility or social ascension, as well as the relations of belonging were analyzed. The research adopted a qualitative approach, with a case study design, and the techniques used for data collection were semi-structured interviews. The results indicate that the interviewees, coming from rural areas and with economic fragility, mentioned initial difficulty in adapting, however, from experiences lived they have created relationships of belonging consistent with the place and experienced social mobility and ascension, with routines linked to the dynamics of the beach.

KEYWORDS

Tourism; Work; Tourist Destination; Seaside Resort; Paraná, Brazil.

INTRODUÇÃO

Do conjunto de 399 municípios do Paraná, apenas três são reconhecidos como destinos de sol e praia tradicionais e consolidados: Guaratuba, Matinhos e Pontal do Paraná. São diferentes origens e trajetórias, todavia, Matinhos é o mais populoso e verticalizado, diante da concentração de edifícios no glamourizado bairro de Caiobá. A história de Matinhos está diretamente vinculada ao desenvolvimento do uso balneário e das práticas de turismo junto ao mar, que alteraram a feição da costa do Paraná a partir da segunda década do século XX (Abrahão, Cardoso, Chemin & Filippim, 2019; Bigarella, 2009; Chemin & Abrahão, 2014; Sampaio, 2006). Analisado como destino turístico, urbano e litorâneo, conformado a partir da complexa ação de agentes sociais (Corrêa, 2018; Vasconcelos, 2018), Matinhos espelha um processo de urbanização e formação socioespacial equivalente ao ocorrido em tantos outros assentamentos balneários (Lozato-Giotard, 1990; Pearce, 2003; Salom & Yrigoy, 2016; Urry, 2001; Vera Rebollo & Baños Castiñeira, 2010).

Os primeiros banhistas chegaram na localidade na década de 1920, oriundos de Curitiba. Nas décadas seguintes surgiram empreendimentos, como vilas balneárias, loteamentos e a construção de infraestruturas que facilitaram o acesso às praias e contribuíram para fixação e crescimento da população (Bigarella, 2009; Chemin & Abrahão, 2014; Sampaio, 2006). Matinhos passou a ter seu território ocupado, numa primeira fase, entre 1920 e 1960, nas imediações do morro de Caiobá e do Pico de Matinhos, por edificações com até três pavimentos, residências unifamiliares e comércios de pequeno porte. Após a década de 1960 iniciou o processo de verticalização do quadro urbano. Um marco desse período é o icônico Edifício Caiobá, situado no balneário homônimo, ao lado do Morro do Boi, obra finalizada ainda no início da década de 1960 (Fig.1).

Figura 1. Urbanização de Matinhos: início do processo no entorno do Morro de Caiobá.



Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Cultura, Prefeitura de Matinhos.

A direita, construção do Edifício Caiobá, ícone da fase inicial de adensamento e verticalização, inaugurada na transição entre as décadas de 1950 e 1960.

O recorte temporal adotado para essa investigação situa-se entre as décadas de 1980 e os anos 2000, período em que o município vivenciou este intenso processo de verticalização. Tornou-se palco para grandes e pequenas construtoras que passaram a atuar no município e com elas vieram migrantes de outras regiões do Estado em busca de oportunidades de trabalho na construção civil e melhores condições de vida. A pesquisa buscou conhecer a atuação dos trabalhadores da construção civil na fase de aceleração da ocupação turístico-imobiliária, entre as décadas de 1980 e 2000, assim como caracterizar o processo de instalação neste território e relações de pertencimento com o lugar.

A prospecção da literatura evidenciou uma escassez de dupla perspectiva. No que se refere ao tema trabalho na literatura do turismo, a ênfase habitual é para postos de trabalhos diretamente vinculados com a produção de bens e serviços de natureza turística, a exemplo do que se encontra em Trigo (1998), Urry (2001), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2011), Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES, 2008) e Martoni (2014). Postos de trabalho indiretos, embora atrelados às lógicas produtivas e de formação socioespacial dos destinos turísticos, recebem pouca atenção, o que é relativamente paradoxal em uma área que tanto valoriza a teoria dos sistemas.

Numa segunda perspectiva, são reduzidos e pouco aprofundados estudos e registros sobre a história e a dinâmica socioespacial dos balneários do litoral paranaense, quando o filtro seleciona o papel desempenhado pelos trabalhadores da construção civil nesse processo. Os indivíduos que se instalaram no município e contribuíram para a formação dessas cidades,

motivados por oportunidades de trabalho, aparentemente não receberam até aqui atenção da academia, permanecendo oclusos. Diante desta condição, este estudo busca preencher uma lacuna teórica e, em certa medida, descortinar o contributo dessa população constituída por migrantes que formaram suas vidas em um balneário, estabelecendo relações familiares, sociais e de pertencimento com o lugar.

Essa investigação adotou como metodologia uma abordagem qualitativa, com delineamento estudo de caso e as técnicas utilizadas foram entrevistas semiestruturadas, caderno de campo, observação e análise de documentos. Ao total coletaram-se depoimentos de 10 sujeitos de pesquisa que foram reunidos a partir da técnica da bola de neve. O aporte teórico contempla temas relacionados a lugar, território, pertencimento e balnearização. O conceito de lugar foi ancorado nas perspectivas de Augé (1992), Callai (2004), Carlos (2007) e Tuan (1983) e relacionado aos pressupostos de Haesbaert (2008), que discutem os processos de território e territorialização. As escolhas se justificam na medida em que esses autores sustentam que o lugar evoca uma relação emocional com os indivíduos que nele vivem, sendo que esses laços se tornam mais vigorosos com o processo de territorialização dos novos moradores.

Em relação a pertencimento também se utilizou Pleper, Behling e Domingues (2014), Tuan (1983), Zaoual (2008) e, no enfrentamento deste eixo teórico na forma como se manifesta no escopo regional da pesquisa, os estudos de Filippim (2015, 2018). A perspectiva desses autores é convergente no sentido de qualificar a relação de pertença a partir da espessura de significado que os indivíduos atribuem aos lugares em que vivem ou visitam com recorrência. O processo de balnearização foi focado a partir de Corbin (1989); aliado ao prisma cultural de Cauquelin (2008). As interpretações sociológica, econômica e geográfica foram contempladas nas leituras de Pearce (2003), Salom e Yrigoy (2016) e Urry (2001). A análise do fenômeno na escala regional contou com as contribuições de Abrahão e Tomazzoni (2017, 2018), Bigarella (2009), Chemin e Abrahão (2014) e Sampaio (2006).

Este artigo consiste em um recorte de uma investigação mais ampla desenvolvida entre 2017 e 2020, relacionada ao turismo e cultura no litoral do estado do Paraná, que discute questões ligadas à formação histórica, identidade, representação e relações de pertencimento na região.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A investigação adotou uma abordagem qualitativa com delineamento estudo de caso, definida por Yin (2001) como uma pesquisa de natureza empírica que “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos [...]” (p. 32). As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas e caderno de campo. Foram colhidos depoimentos de 10 trabalhadores da construção civil, que exerceram atividade profissional no setor entre as décadas de 1980 e os anos 2000, reunidos a partir da técnica bola de neve, através da qual o próprio entrevistado indica outros sujeitos de pesquisa, que segundo Vinuto (2014) trata-se de “uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência” (p. 203). Os respondentes foram identificados no texto pela expressão ‘Informante’ ou ‘INF’ seguida de um número individual atribuído a cada um deles, sendo que todos firmaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que autorizava a publicação, no todo ou em parte, dos depoimentos.

O aporte conceitual e teórico contemplou temas interdisciplinares nos quais buscou-se relacionar autores e referências clássicas a atuais. Os conceitos discutidos constituem eixos estruturantes da investigação e se reportam às categorias de lugar e território; pertencimento; e balnearização, temas que foram instrumentalizados a partir das referências anteriormente mencionadas. O processo em que se desenvolveu a pesquisa foi subdividido. Iniciou-se a partir de uma fundamentação conceitual e teórica sobre os temas supracitados. Na sequência construiu-se um roteiro de entrevistas semiestruturadas que contemplou os seguintes tópicos: como os sujeitos de pesquisa se relacionavam com o turismo/turista; como se relacionavam com o lugar/território; como era o cotidiano na obra e na vida; e como se dava a relação com os outros atores sociais. Esses tópicos estruturantes foram derivados em aproximadamente 40 perguntas, sendo que algumas questões foram suprimidas assim como outras acrescentadas no momento da recolha, considerando as especificidades da interlocução e a narrativa de cada entrevistado. Os 10 depoimentos colhidos contaram com auxílio de gravadores de áudio, sendo que cada entrevista durou em média 60 minutos. Na sequência os áudios foram transcritos para o início do processo de análise dos resultados. Por fim realizou-se a construção do relatório de pesquisa do qual este artigo foi derivado.

A perspectiva adotada neste trabalho baseia-se no pressuposto de que a interação dos indivíduos com o seu mundo social modela sua percepção da realidade, e cabe aos pesquisadores que utilizam a abordagem qualitativa compreender o significado que os sujeitos da pesquisa atribuem à experiência que têm no mundo. Assim, adotou-se a análise direta dos depoimentos como estratégia de interpretação desses significados, nos moldes do que Merriam (2002) chama de *estudo qualitativo básico ou genérico*, ao se referir a pesquisas que buscam compreender determinado fenômeno, processo ou a visão de mundo das pessoas envolvidas, através da análise de entrevistas.

DO CAMPO AO CANTEIRO DE OBRAS NO LITORAL: RUPTURAS E PERMANÊNCIAS

Os resultados retratam aspectos relacionados à origem e instalação dos trabalhadores da construção civil no município de Matinhos, bem como a mobilidade social vivenciada por estes indivíduos após fixação no destino.

Da roça a um destino de sol e praia - Os trabalhadores que atuaram na construção civil em Matinhos entre as décadas de 1970 e os anos 2000 são oriundos de pequenos municípios da região norte e nordeste do Paraná. Em maior proporção eram localidades com população inferior a vinte mil habitantes e cuja economia e sociedade estavam ligadas ao campo e às ruralidades. Assim, mesmo os sujeitos da pesquisa que residiam nos núcleos urbanos tiveram uma trajetória estreitamente vinculada à vivência e entorno cultural característicos do meio rural. Nas fases iniciais da vida tiveram como experiência profissional o trabalho na lavoura e integravam famílias de pequenos produtores rurais: *“...eu morava na área rural, nós tínhamos 12 alqueires na região de Campo Mourão, eu e minha família...”* [Informante 7, comunicação pessoal, 2017]. A estrutura familiar era composta por pai, mãe e grande número de filhos que, por sua vez, iniciaram ainda crianças as tarefas e afazeres do trabalho no campo, com objetivo de auxiliar os pais no cultivo dos produtos que serviam tanto como alimento, quanto para o comércio constituindo a renda familiar. A vida nessas condições configura uma fragilidade econômica típica das áreas rurais, como menciona um dos entrevistados:

... lá não era fácil [...] graças a Deus meu pai e meu avô, tinham condições até razoáveis, eles trabalhavam para nós [família] não dependia de trabalhar para os outros, quem dependia era terrível. Trabalhava pra comer à noite, à base de troca naquela época, [...] se trabalhava o dia inteiro às vezes, fazendo empreitada, a troca de um pedaço de porco pra comer, um feijão, um

arroz, esses tipos de coisa. Só que nós começamos a trabalhar com oito, nove anos, nós tínhamos que ir pra roça, meu pai e todos (Informante 9, comunicação pessoal, 2017).

Esta característica de vida difícil é reforçada com os relatos de alguns informantes que mencionaram relações familiares conturbadas e a quantia elevada de irmãos que compunham o seu núcleo familiar: “... então nós somos em 7 homens e 7 mulheres, então 14 irmãos no total ...” (Informante 1, comunicação pessoal, 2017). Corroborando esta característica o respondente 7 discorre que possuía: “... uma família de pai e mãe e 12 irmãos, somos em 8 homens, e 4 mulheres” (Informante 7, comunicação pessoal, 2017).

Por outro lado, também havia aqueles cuja primeira atividade profissional foi a construção civil: “Então, nós crescemos em obra de construção civil, meu pai tinha uma pequena construtora, então crescemos nesse ambiente...” (Informante 4, comunicação pessoal, 2017). Isso mostra que o exercício desta profissão também ocorreu por influência da família como forma de ‘herança’ e/ou transmissão de conhecimentos, que passa de avô para pai e filho e assim continuamente, como se já houvesse um destino traçado para eles: “Então, a profissão que eu exercia lá, sempre foi construção civil, isso aí já vem desde a época do meu pai, então vai puxando a carruagem que a família vem trazendo né ...” (Informante 5, comunicação pessoal, 2017).

Para o informante 7 a relação com a construção civil surgiu ainda na roça quando o mesmo, enquanto realizava o trabalho, traçava mentalmente edificações imaginárias. Isto mostra que a profissão era um sonho para este trabalhador:

[...] quando eu estava carpindo, roçando, outra atividade na roça, eu vivia construindo, eu fiz várias construções na cabeça, eu estava trabalhando, construindo, construindo, às vezes fazia um edifício, fazia uma casa diferente então ... eu estou falando com você, eu estou lembrando de uma construção que eu projetei carpindo a roça, trabalhando, limpando a lavoura e eu projetei ela, então isso tá na essência cada um numa essência do humano, né (Informante 7, comunicação pessoal, 2017).

Como forma de transmutar essa realidade e em busca de oportunidades deslocaram-se de suas cidades de origem, onde deixaram para trás familiares, esposas, filhos, casas e amigos e se transferiram para o litoral do Paraná, mais especificamente para Matinhos. O município passava por um processo de balnearização e verticalização, fenômeno vinculado à dinâmica do turismo, no qual era expressiva a oferta de empregos nas construtoras e, com a insuficiência da mão de obra da população local, essas empresas buscavam a contratação de trabalhadores provenientes de outras regiões do estado: “A construtora me convidou pra vir pra cá, ela estava com falta de mão de obra aqui na praia, isso foi na década de 80, naquela época não tinha mão

de obra especializada na construção civil aqui na praia” (Informante 4, comunicação pessoal, 2017).

Desta forma, ao saírem de sua cidade de origem já contavam previamente com uma vaga de emprego indicado, na maioria das vezes, por familiares, amigos ou conhecidos já fixados em Matinhos “... *quem veio antes foi meu irmão mais velho, então através dele que a gente ficou sabendo da oferta de trabalho que tinha aqui, então foi isso que fez com que a gente viesse tentar a vida pra cá ...*” (Informante 5, comunicação pessoal, 2017). Após a chegada, com a segurança do emprego em curso e o acomodamento em um local seguro para residir, aqueles que eram casados trouxeram suas esposas e filhos e fixaram-se no município:

... aí eu trouxe, não toda a família, eu trouxe esposa e filhos, mas meus pais continuaram lá, aí bem depois, mais ou menos um ano depois, aí sim ... eu fui lá e busquei o casazinho de velhinhos, aí sim ficou completo ... (Informante 4, comunicação pessoal, 2017).

Com o tempo construíram sua vida e patrimônio em Matinhos, e permaneciam residindo à época da recolha dos depoimentos.

Adaptação dos trabalhadores da construção civil no balneário de Matinhos - O ofício da construção civil foi considerado árduo pelos sujeitos de pesquisa: “... *é um serviço pesado né, naquela época não tinha as tecnologias que tem hoje. Hoje em dia trabalha com os equipamentos, a segurança é bem melhor, naquele tempo era mais complicado, mas a experiência foi boa*” (Informante 4, comunicação pessoal, 2017). Devido ao fato de o trabalho na construção civil ser classificado como “árduo”, assumiram então com o passar dos anos outras ocupações, como por exemplo, a de zeladores em condomínios de uso ocasional ou segunda residência, fortemente vinculados ao uso balneário de veraneio que ajudaram a construir: “... *zelador você trabalha mais que na obra, só que é diferente o serviço ... lá no teu prédio, se queima alguma coisa, quem você chama? Só que é diferente o trabalho, vou trabalhar limpinho, não vou fazer força ...*” (Informante 9, comunicação pessoal, 2017).

Neste trecho fica claro que para os entrevistados o cotidiano laboral da obra, apesar de ter carga horária menor que a de zelador, por exemplo, dispõe de condições de trabalho mais duras. Quando o informante 9 indicou que com o novo ofício trabalhava-se com a condição de ‘limpinho’, faz referência aos resíduos de cal, cimento, areia entre outros materiais utilizados nas construções que não fazem parte da rotina nos condomínios. Em contrapartida alguns

continuaram no ramo da construção civil, porém, como proprietários de empresas prestadoras de serviços e pequenas construtoras conforme os informantes 1 e 6 mencionam: “... *sempre ligado à construção civil ... agora que eu tenho a minha própria empresa, continuo ... nessa mesma área manutenção em geral*” (Informante 1, comunicação pessoal, 2017). “*Até em 1986 eu trabalhei para as pessoas até aprender trabalhar. E daí eu montei essa empresa. Aí eu parei comecei a aprender, fazer os cursos e tudo e depois eu montei a empresa*” (Informante 6, comunicação pessoal, 2017).

A partir do cenário positivo da construção civil no município, possibilitado através do turismo e do uso balneário, a ascensão social é uma característica significativa vivenciada por esses trabalhadores. Adquiriram imóveis e automóveis próprios, além de empreenderem em estabelecimentos comerciais frequentemente vinculados de forma direta ou colateral à atividade turística, como lojas e lanchonetes, fato que motivou a permanência no município: “*Lá eu tinha uma casinha alugada, não tinha nada, aqui que eu fiz tudo as coisas, esse estabelecimento comercial eu tenho ali, se fosse para vender tiraria uns 400 ‘paus’, bar, tudo novo de material*” (Informante 2, comunicação pessoal, 2017). Quando o informante 2 comenta: “*tudo novo de material*” está fazendo referência à construção de alvenaria e não de madeira, como um demonstrativo do *status* dessa ascensão social, característica essa mencionada em outros relatos:

... aqui foi onde acabei de criar meus filhos, hoje tenho minha casa, tem meu carrinho, num tenho lá essas coisas mas pra sobreviver eu tenho, então não posso me queixar do lugar que eu tô comendo, bebendo, vestindo, cuidando da minha casa, então pra mim tá ótimo (Informante 8, comunicação pessoal, 2017).

Daí eu comprei casa, vendi minha casa que eu tinha lá e comprei aqui... mas também foi bom pra mim por que eu aprendi muita coisa, hoje, eu agradeço, eu tenho minhas coisinhas, posso contar que foi tudo através da construção civil (Informante 9, comunicação pessoal, 2017).

... a loja de 1,99 lá na praça fui eu que reformei é minha loja inclusive eu moro lá ... eu já tinha condições já tinha carro, já tinha moto (Informante 6, comunicação pessoal, 2017).

Esses trabalhadores vivenciaram ascensão ou mobilidade social à medida em que saíram de áreas rurais com fragilidade econômica e encontraram um cenário de ‘construção’ de uma cidade fortemente marcada pelo incremento da visitação turística e consequente necessidade de ampliação das edificações para o alojamento de novos moradores e veranistas. Isso pode ter contribuído para o ‘efeito imitação’, ou seja, a vinda de outras pessoas em busca de

oportunidades semelhantes. A maioria dos informantes transferiu-se para Matinhos motivados pela possibilidade de ascensão que observava nos parentes e amigos que emigraram antes para o litoral e divulgaram as vantagens da transferência em suas áreas de origem. Com isso construíram seus próprios patrimônios como, por exemplo, residências, empresas e automóveis.

Destinos da vida: trabalhadores e relações de pertencimento - Embora a adaptação inicial tenha sido difícil, como mencionado por parte dos entrevistados, em seus depoimentos restou evidente relações de pertencimento consistentes que esses migrantes construíram com o lugar: *“... agora minha vida é aqui. Eu estou bem adaptado aqui, eu conheço e tenho muitos amigos, e o ambiente é bom, não tem como não gostar dessa cidade...”* (Informante 4, comunicação pessoal, 2017). Apesar de manifestarem saudade de amigos e familiares que deixaram no município de origem, Matinhos é o lugar em que se sentem pertencentes, onde se estabeleceram e vivem no presente momento: *“Ah, isso aí se eu falar pra você que não tem saudade, eu vou mentir pra você, tem saudade, porque a gente tem todo um histórico familiar né, na roça a gente é muito unido...”* (Informante 7, comunicação pessoal, 2017).

Quando indagado sobre se sentir matinhense o informante 4 afirma que: *“Sim, já estou há quase trinta anos já aqui. Então tô bem adaptado, gosto, eu saio nas minhas férias pra viajar, mas quando a gente retorna, a gente sente que tá realmente voltando para casa...”* (Informante 4, comunicação pessoal, 2017). Em seus relatos não manifestaram interesse em retornar aos seus lugares de origem motivados pelo forte vínculo criado com o município. De modo geral prevaleceu nas narrativas uma notável satisfação com a escolha realizada. A migração para o município de Matinhos foi retratada como uma decisão acertada da vida pessoal e familiar, do mesmo modo em outros planos da vida social, em razão de que a mudança e fixação no novo ambiente viabilizou a ascensão profissional e patrimonial.

As intenções futuras não indicaram previsões de ruptura com o território atual e regresso à origem e sim permanência no município balneário, avaliado como um local promissor, dinâmico e de muitas oportunidades: *“... tanto que eu já tenho alguns anos que eu não vou pro norte do Paraná, nem visitar mais, ... só tenho a sogra lá, vou fazer o que [risos] ... e por cidade, eu tô muito satisfeito com a minha”* (Informante 5, comunicação pessoal, 2017). A afirmação do informante 5 reforça esse vínculo: *“... eu não sei se eu sou daqui da cidade, ou se a cidade é*

minha, nós nos fundimos um ao outro” (Informante 5, comunicação pessoal, 2017) intensifica essa ideia de pertencimento que sugere traços da relação passional com a cidade escolhida para residir com a família e desenvolver as relações sociais e de trabalho.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Em um momento preliminar da análise, ao evocar capítulos da geografia e história do turismo, nos termos de Lozato-Giotard (1990), Pearce (2003) e Urry (2001) mostrou-se compatível a interpretação de Matinhos como um dos destinos brasileiros que retrata fatores presentes em tantos outros assentamentos balneários globais. Isto porque as dinâmicas relacionadas com o turismo de sol e praia lhe definiram a origem e forma, impulsionaram a expansão urbana, o crescimento populacional e conferem desde então suporte à economia, com geração de divisas, renda e trabalho. Este último tópico, o trabalho no turismo, recebe atenção de estudos diversos, ora mais técnicos, como no caso da cadeia produtiva (IPARDES, 2008) e atividades características do turismo [ACT's] (IPEA, 2011), ora de vertente acadêmica, como os realizados por Trigo (1998), Urry (2001) e Martoni (2014). Contudo, costuma-se posicionar as análises aos postos de trabalhos diretamente vinculados com a produção de bens e serviços de natureza turística. Os postos de trabalho indiretos recebem atenção reduzida, embora participem das lógicas produtivas e de formação socioespacial dos destinos turísticos. Este flanco foi valorizado e priorizado nesta investigação. A análise mais adequada e precisa desse delineamento, no entanto, demonstrou viabilidade por meio de uma compreensão interdisciplinar, com resgate de alguns elementos da história e configuração espacial do objeto.

De início, importante observar que a relação entre práticas recreativas, de lazer e turismo junto de porções d'água é antiga. Sua difusão abrange territórios lagunares (Lanzer, Ramos, & Marchett, 2013), insulares e costeiros (Corral & Hernández, 2010; Martins, 2004; Pearce, 2003; Salom & Yrigoy, 2016). Costas litorâneas, a exemplo do que revela a história do Paraná, comportam características que se apresentaram como favoráveis ao uso balneário, dos rituais pioneiros aos atuais, mantendo-se na percepção contemporânea com elevado status, se observadas intenções de relaxamento beira-mar. Sem adentrar na antiguidade clássica, o interesse por tais áreas tem no sec. XVIII um marco, de acordo com o clássico estudo de Corbin (1989), ao detalhar o início da atração por um novo prazer e um tipo de experiência de 'frescor' em rituais e práticas vinculadas à água.

Praias e balneários, do mesmo modo que outros elementos do meio físico [p. ex. montanhas, bosques], emergiram como objetos de contemplação e fruição, tornaram-se paisagens desejadas, para não mais sair do imaginário social, como símbolo de sociabilidade e diversão, e do horizonte territorial, na medida em que passaram a proliferar e expandir como elementos comuns da geografia urbana e econômica global, notadamente ao final do século XIX e, de maneira mais intensa, após a década de 1950. Dado o alcance e capilaridade, o fenômeno estimulou inúmeros estudos, recebeu interpretação cultural (Cauquelin, 2008), sociológica, econômica e geográfica, para citar alguns olhares (Pearce, 2003; Salom & Yrigoy, 2016; Urry, 2001). No caso do Paraná e Matinhos, o uso balneário das áreas costeiras litorâneas remonta à década de 1920, na Ilha do Mel, Praia de leste, nas imediações do Pico de Matinhos e Morro do Boi em Caiobá, conforme atestam estudos de Bigarella (2009) e Sampaio (2006).

Embora a população atual de Matinhos, na casa de 34 mil habitantes (IBGE, 2018), seja suficiente para uma classificação de município de pequeno porte, a formação social e urbana interligada a fluxos turísticos sazonais de sol e praia comprometeu a inocência original do pequeno povoado beira mar, cuja ocupação se mostrava rudimentar e aleatória diante de processos espontâneos de uso do solo, ao sabor da proximidade com as melhores áreas de praia. Após a década de 1960 a implantação de segundas residências acelerou a urbanização (Abrahão & Tomazzoni, 2017, 2018; Bigarella, 2009; Sampaio, 2006). Junto a isso, o crescimento da população fixa, o estabelecimento de infraestrutura, rotinas de temporadas de verão, empresas típicas do trade turístico, erodiram gradativamente a mística de vilarejo isolado junto ao mar, sedimentando uma nova condição socioespacial, a de destino turístico. A nova condição representou um reforço no espectro simbólico, mas sobretudo estimulou outro patamar de interesse e de ação das forças que dinamizam qualquer espaço urbano conectado a lógicas sociais e econômicas mais amplas, repercutindo em funções, zoneamento, definições políticas e empresariais sobre o território.

Matinhos e, em especial seu Balneário Caiobá, ao serem projetados como destino turístico balneário (Flores & Costa Mendes, 2014; Valls, Bustamante, Gurmán & Vila, 2006), como indica a literatura, uma tradicional e consagrada tipologia internacional (Pearce, 2003; Salom & Yrigoy, 2016; Vera Rebollo & Baños Castiñeira, 2010), tornaram-se atraentes para determinados nichos de mercado. Em Caiobá, tal fato cresceu após a década de 1960 por meio do parcelamento do

solo, com implantação de loteamentos, quadras e lotes residenciais que na sequência dos anos foram sendo densamente ocupados por condomínios, muitos dos quais verticalizados.

A urbanização seguiu orientada pelo componente imobiliário da segunda residência, o que rendeu interesse e operação concentrada de empresas do ramo da construção civil. Na condição de atores sociais, com poder robustecido pela capacidade de reprodução no local das lógicas de mercado da realidade social de outros contextos, impulsionaram e conduziram processos de urbanização, atuando desde a concepção, mediante planejadores, arquitetos e urbanistas, que desenharam uma cidade e uma arquitetura de hábitos programados para o consumo do lazer (Lefebvre, 1991 e 2006; Schmid, 2021).

Importante especificar que ao longo da interpretação dos depoimentos a análise defrontou-se com um quadro de formação socioespacial distinto. Nesse tipo de território, em que o turismo atua como vetor de configuração, o ambiente revela que a formação da cidade e de destino turístico ocorreram de modo simultâneo, imbricado, sem fronteiras e distinções evidentes. O tecido urbano conforma-se entremeadado por uma rede econômica e conjunto de operações de mercado cuja parcela dos atores, bens e serviços produzidos, estão voltadas para quem não possui domicílio no local. A pesquisa demonstrou a visão de trabalhadores que atuaram na formação desse tecido, migrantes que fixaram moradia. Passaram a constituir o urbano, nas suas complexidades culturais, econômicas, políticas e estabelecer relações simbólicas e laços com o lugar.

O papel dos fluxos migratórios na formação populacional dos municípios balneários do litoral paranaense já havia sido registrado por Deschamps e Kleinke (2000). Matinhos em 1991 registrou 11.325 habitantes e, em 2000, mais que dobrou este número passando para 24.178 habitantes. Deschamps e Kleinke (2000), Moura e Werneck (2000) concluíram que parte considerável deste crescimento populacional era provinda do Paraná (58,4%) e motivada por oportunidades na construção civil, nos trabalhos derivados das temporadas de verão e facilidades de moradia. Em relação ao perfil, reafirmado nesta investigação, consideram que os imigrantes eram majoritariamente pobres, em idade produtiva, saídos do interior do Paraná e da Região Metropolitana de Curitiba.

Os depoimentos obtidos aprofundam os estudos anteriores sobre o litoral paranaense, abrem uma nova perspectiva, centrada em pessoas que integraram este processo, antes descrito nas suas linhas mais gerais. Indicaram a aproximação entre duas figuras da cidade-balneário: destino

turístico e destino de vida. Ademais, permitem observar a dimensão social do trabalho ao buscar decodificação do caráter ontológico, conforme valorizou a análise de Martoni (2014): “o trabalho é a ação que mantêm o ser biológico e, ao mesmo tempo, funda o ser social, tratando-se de um movimento necessário a todo e qualquer grupo humano” (p. 59). A fim de inserirem-se no mercado de trabalho, como mencionam Pinto e Queiroz (1996), objetivando melhorias na condição de vida, ou até mesmo em busca de atuar na profissão almejada migraram das regiões norte e nordeste do Paraná para o litoral paranaense. Segundo Barbosa (2005) esses fluxos migratórios relacionam-se com as melhorias no transporte e nas tecnologias de comunicação vivenciadas no pós-guerra, efeitos esses replicados na região após 1950.

Esses trabalhadores saíram dos ‘seus lugares’, portando, como de habitual, significados e sentimentos rumo a novas e desconhecidas experiências. Augé (1994) afirma que, no sentido antropológico, lugares são identitários, relacionais e históricos. Os depoimentos revelam que estes trabalhadores levaram consigo, saudosos em suas memórias, costumes e tradições que vivenciavam no lugar de origem. A adaptação foi considerada penosa em virtude do rompimento de relações, com familiares e amigos que permaneceram nos antigos lares, simultânea à construção de novos vínculos, apontados como inicialmente frágeis, isto tudo imerso num ambiente com outra cultura, geografia, relações de poder, enfim dinâmicas territoriais.

São recorrentes os trechos do *corpus* das entrevistas que remetem ao conceito de reterritorialização, na forma como é concebido por Haesbaert (2008): “mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se um processo de reterritorialização espacialmente descontínuo e extremamente complexo” (p. 19). Assim, o processo de adaptação não elimina o quadro de referência cultural dos trabalhadores que se transferiram para Matinhos. Nesse contexto, ocorre um intrincado processo de reelaboração da identidade a partir de novas experiências e formas de interação social, marcadamente influenciadas pelo que Canclini (1997) chama de ‘hibridismo cultural’. Em direção semelhante, Hall (2006) sustenta que todas as identidades “estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos ... nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado” (p. 19).

O contexto da transferência implicou, de maneira convergente, a ressignificação do sentimento de pertença e da relação que os sujeitos da pesquisa estabeleceram com o lugar. A ideia de pertencimento está significativamente inserida no social, na vida coletiva e individual do sujeito,

criando interesses que os direcionam. Por sua vez, o lugar relaciona-se diretamente ao pertencimento pois o indivíduo, enquanto sujeito social, reconhece seu pertencimento territorial (Callai, 2004). Nesse sentido, é possível identificar um processo de reterritorialização, nos termos concebidos por Haesbaert (2008), para quem uma das formas de interpretar o território é a partir de seu valor simbólico, como ‘abrigo’, ‘lar’ e ‘segurança afetiva’. O mesmo autor sustenta a necessidade de atentar para a historicidade do território, que é afetado por variações relacionadas aos contextos histórico e geográfico.

De outro modo, como os relatos traduzem um processo ativo individual e social, evoca-se também a perspectiva de Lefebvriana sobre as três dimensões na produção social do espaço: percebido, concebido e vivido. Essas dimensões se contradizem numa vida cotidiana em que é comum a programação de hábitos (Lefebvre, 1991 e 2006; Schmid, 2021). Com as experiências nos canteiros de obra, nos alojamentos, na praia ou em outros espaços da cidade como igrejas, bares, praças, entre outros; o firmamento de relações com colegas de trabalho que compartilhavam de histórias semelhantes ou com outros atores sociais; e com o cotidiano criado e vivenciado no lugar passaram a sentir-se acolhidos e estabeleceram vínculo com Matinhos. Tuan (1983) reflete sobre esse conjunto de relações por meio do constructo teórico ‘topofilia’ e o conceitua como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (p. 5).

Sendo assim, os depoimentos indicam que passaram a sentirem-se pertencentes a Matinhos, integrantes e protagonistas da cultura do município, com isso, não almejam retornar ao local de origem. Com a ausência de vivências e participação, passaram a esquecer o sentimento que possuíam pelo ‘antigo território’, como mencionado no estudo de Pleper et al. (2014). Em razão do ofício da construção civil ser considerado árduo e pesado, o que dificulta que seja desempenhado por longo período, esses trabalhadores passaram a assumir outras ocupações como, por exemplo, de zeladores em condomínios de segunda residência, componente imobiliário bastante comum da planta balneária local (Abrahão & Tomazzoni, 2018), edificações estas que em alguns dos casos trabalharam no canteiro de obras, todavia não abandonaram o sentimento de orgulho por serem protagonistas no processo de verticalização urbana.

Trata-se, portanto, de um novo quadro e relação com o lugar que, no entanto, não é destituído de história e espessura de significado, inequivocamente marcadas pela trajetória dos sujeitos da pesquisa que, a um só tempo, se transformam pela nova ambiência de vida e são instituintes da conformação desse novo lugar. Nesse processo, a construção da cidade balneária para a prática

do turismo assume centralidade na vida dos indivíduos pesquisados, não apenas por ter constituído seu universo laboral e vetor de sua migração, mas também por lhes atribuir o estatuto de integrantes da comunidade receptora, em larga medida principais elementos de mediação entre turistas e o lugar, dado que muitos assumiram ocupações relacionadas ao acolhimento da visitação dirigida à cidade, como zeladores de condomínios de segunda residência e fornecimento de serviços de manutenção, entre outros.

Esses trabalhadores foram protagonistas na sua própria mobilidade ou ascensão social. O percurso de mobilidade iniciou com a vivência na roça em áreas rurais com fragilidade econômica e seguiu até um destino de sol e praia, lugar em que se fixaram socialmente, o que incluiu segundo relataram condição superior na vida econômica e patrimonial. A transição da roça para a praia atendeu expectativas de um novo patamar social, indispensável para a formação de suas identidades e de suas realizações. Além de serem protagonistas na conformação da cidade, construíram também suas próprias vidas no lugar que escolheram para morar.

Com a efetivação desse processo de reterritorialização, os sujeitos da pesquisa passam a se sentir fortemente ligados a Matinhos, como atesta a emblemática e contundente afirmação de um dos entrevistados, que diz ter fundido a si próprio com Matinhos. Assim, passam a compor a comunidade receptora de um destino turístico fortemente marcado pela sazonalidade da visitação, e assumem diferentes funções e atividades relacionadas a esse contexto. Para Haesbaert (2008) uma das finalidades da territorialização diz respeito à “construção e controle de conexões e redes [fluxos, principalmente de pessoas, mercadorias e informações]” (p. 5). Nesse sentido, o fluxo sazonal de turistas para Matinhos acaba por compor a ambiência de territorialização e universo de vida dos participantes da pesquisa, já que a própria definição da cidade como destino turístico implica na existência desses visitantes como personagens protagônicos do contexto local.

De acordo com Filippim (2015), não apenas a conformação do espaço, expressa no aspecto urbano da cidade balneária, mas especialmente as manifestações culturais de Matinhos [que ilustra com o caso do Carnaval] estão estritamente vinculadas ao turismo dirigido para a destinação. Nesse sentido, quando alçados à condição de moradores permanentes, frequentemente desempenhando atividades relacionadas à visitação turística, os sujeitos da pesquisa funcionam como mediadores da relação que esses visitantes desenvolvem com a

cidade. Note-se que parcela considerável destes se constituem em segundos residentes, ou seja, são proprietários de imóveis de utilização ocasional, especialmente na temporada de férias de verão, quando se deslocam para a praia.

Como esse deslocamento dos veranistas é recorrente, no sentido de ocuparem sempre o mesmo destino, em razão da segunda residência, típica em zonas balneárias, acabam por também desenvolver laços afetivos com o lugar, que Filippim (2015, 2018) qualifica como pertencimento intermitente ou vispertença, já que, de forma diversa dos moradores fixos, seu sentimento de pertença é mais frágil em relação ao destino ocasional e mais vigoroso no que tange ao domicílio permanente. Essa perspectiva aproxima-se da noção de ‘topoligamia’, termo cunhado pelo sociólogo Ulrich Beck (1999) para descrever o ‘casamento’ dos indivíduos com dois ou mais lugares. Note-se que, no entanto, esse laço emocional é diferente da relação de pertença desenvolvida pelos sujeitos da pesquisa, que vivem no lugar e muitas vezes intermediam a perspectiva dos visitantes já que estes, em certa medida, compõem seu universo de vida e relacionamento social.

Nesse contexto, o desenvolvimento de laços de pertença no caso em exame se aproxima da dinâmica descrita por Zaoual (2008), ao propor a teoria dos sítios simbólicos de pertencimento, que vaticina a necessidade de considerar, nessa elaboração, a complexidade e contingências enfrentadas pelos atores locais e as especificidades do território por eles partilhadas. Alinhados a essa proposta, Azevedo, Mattos e Bartholo (2015), discutem a conversão do espaço em lugar a partir da atribuição de valor e significado pelos indivíduos que nele habitam e constroem sua identidade. Em sentido semelhante, Cohen e Benseny (2016) asseveram que os componentes do espaço constituem elementos chave para que esse processo social possa se efetivar. Assim, também para os trabalhadores da construção civil que se sedentarizaram em Matinhos, ocorre fenômeno semelhante, ou seja, o compartilhamento de experiências e o próprio ‘fazer’ da vida carrega o espaço vivido de sentido e marcas da trajetória, transmutando-o em lugar com espessura de significado e referência emocional.

No caso dos sujeitos da pesquisa, pode-se arguir que o homem, antes forjado nas lides do campo, passa a amalgamar sua identidade ao contexto de vida em um destino turístico de sol e praia, que ajudou a compor com seu trabalho na construção civil e do qual também figura como um dos atores sociais necessariamente presentes, vez que não há cidade, verticalização e mesmo balnearização sem a construção civil e seus trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem construiu Tebas, a das sete portas? Nos livros vem o nome dos reis, mas foram os reis que transportaram as pedras? [...] No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde foram seus pedreiros? **Bertolt Brecht**

As inquietações que animaram este trabalho seguiram em direção à instigante epígrafe de Brecht, um esforço por dimensionar a contribuição dos trabalhadores da construção civil, até aqui invisibilizados, no contexto da edificação da cidade-balneário de Caiobá. O município de Matinhos nasceu e foi dinamizado pela balnearização da costa paranaense. Representa no litoral sul do Brasil uma tendência global de urbanização não só impulsionada como modelada pelo turismo. A verticalização do quadro urbano, notadamente em Caiobá, fenômeno comum em destinos turísticos de sol e praia, representou uma oportunidade de inserção no mercado de trabalho do setor da construção civil para um expressivo contingente de trabalhadores, oriundos das regiões norte e nordeste do estado do Paraná.

O objetivo central deste trabalho dirigiu-se precisamente à tarefa de delinear como se deu o processo de adaptação desses indivíduos a um novo contexto laboral, territorial e cultural, assim como descrever o desenvolvimento de nova relação de pertencimento em relação ao lugar. Entende-se que a consecução dessa proposta restou efetivada a partir da análise do processo de territorialização dos sujeitos da pesquisa que, inobstante não se despojarem das referências de sua trajetória, ressignificam suas vidas no contexto da cidade-balneário, que não apenas ajudaram a edificar, mas da qual também são parte do próprio cenário. Além disso, a partir de sua fixação no lugar, passam a compor a comunidade receptora e frequentemente atuam como mediadores da relação de turistas e segundos residentes com o território.

A topofilia, constructo teórico desenvolvido por Tuan (1983) para qualificar a afeição em relação ao lugar aparece em tons vigorosos entre os sujeitos da pesquisa, ao ponto de um deles verbalizar a sensação de que houve uma fusão entre si próprio e a cidade, numa surpreendente comunhão com o território. A natureza sintética desta comunicação de resultados não permitiu avançar sobre aspectos que merecem a atenção da academia, entre os quais se destaca a mensuração dos efeitos econômicos e sociais da presença dos trabalhadores da construção civil, assim como a avaliação de sua contribuição para o processo de balnearização com a utilização de estratégias metodológicas distintas da que foi adotada nesta pesquisa, para também

contemplar outras nuances e perspectivas do objeto de estudo. Em que pesem tais limites e indicações, o propósito central da investigação foi alcançado.

REFERÊNCIAS

- Abrahão, C. M. S., Cardoso, B. C., Chemin, M., & Filippim, M. L. (2019). Segundas residências em destinos turísticos litorâneos: Um estudo sobre impactos socioeconômicos com atores estratégicos do balneário de Caiobá/Matinhos, litoral do Paraná (Brasil). *TURyDES*, 12(26), 1-23. [Link](#)
- Abrahão, C. S., & Tomazzoni, E. L. (2017). Turismo de segundas residências: análise dos conflitos territoriais no destino de Matinhos (Litoral do Paraná, Brasil). *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, 6(1), 143-162. [Link](#)
- Abrahão, C. S., & Tomazzoni, E. L. (2018). Turismo de segundas residências no litoral sul do Brasil: uma discussão sobre seu dimensionamento e relevância para a atividade turística contemporânea. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 12(1), 80-101. [Link](#)
- Augé, M. (1994). *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus.
- Azevedo, A., Mattos, F., & Bartholo, R. (2015, dezembro). Entre o espaço e o lugar: Considerações sobre o Campo de Santana e a Casa de Deodoro na dinâmica cultural e turística da cidade do Rio de Janeiro. *Caderno Virtual de Turismo*, 15(3), 251-262. [Link](#)
- Barbosa, C. (2005). Segunda residência e cidade difusa. *Anais... Congresso Ibérico de Geografia*, Lisboa, 10, 1-21. [Link](#)
- Beck, U. (1999). *O que é globalização?* São Paulo: Paz e Terra.
- Bigarella, J. J. (2009). Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba. [Link](#)
- Callai, H. (2004). O estudo do lugar como possibilidade de construção de identidade e pertencimento. *Anais... Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Coimbra, 8. [Link](#)
- Canclini, N. G. (1997). *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp.
- Carlos, A. F. A. (2007). *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo: Edusp.
- Cauquelin, A. (2008). *A Invenção da Paisagem*. Lisboa: 70.
- Chemin, M., & Abrahão, C. M. S. (2014). Integração territorial do litoral do Estado do Paraná (Brasil): transportes, balnearização e patrimonialização na formação dinâmica do espaço turístico. *Ra'e Ga*, 32, 212-239. [Link](#)

Filippim, M. L., Chemin, M., & Barros, S. M. (2023). Adaptação e relações dos trabalhadores da construção civil com o lugar e a balnearização de Matinhos, Paraná [Brasil]. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 15(1), 1-22.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061v15i1p1>

- Cohen, C., & Benseny, G. (2016). Turismo y territorio. Un abordaje teórico desde los conceptos: Recursos territoriales y atractivos turísticos. In D. Lan (Ed.), *Geografías en Diálogo: Aportes para la reflexión* (pp. 35-41). Tandil: Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires. [Link](#)
- Corbin, A. (1989). *O Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Corral, S., & Hernández, J. (2010). El turismo en destinos maduros archipelágicos: condicionantes y estrategias. El caso de los “três grandes”: Hawai, Canarias, Baleares. In R. Hernández Martín, & A. Santana Talavera (Coords.). *Destinos Turísticos Maduros ante el Cambio. Reflexiones desde Canarias* (pp. 233-254). Tenerife: Universidad de La Laguna. [Link](#)
- Corrêa, R. L. (2018). Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: Um texto para discussão. In A. F. A. Carlos, M. L. Souza, & M. E. B. Sposito. *A Produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios* (pp. 41-53). São Paulo: Contexto.
- Deschamps, M. V., & Kleinke, M. L. U. (2000). Os fluxos migratórios e as mudanças socioespaciais na ocupação contínua litorânea do Paraná. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, 99, 45-59. [Link](#)
- Filippim, M. L. (2015). *A invenção de uma tradição carnavalesca: O carnaval de Matinhos - Paraná (Brasil) sob a perspectiva dos organizadores*. Tese, Doutorado em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Brasil. [Link](#)
- Filippim, M. L. (2018). O carnaval de Matinhos, Paraná (Brasil): Dinâmica cultural e resignificação. In A. Muñoz Barriga, M. Osorio, & G. Guijarro (Orgs.), *Tendencias de Investigación em Turismo em América Latina: Estudios de caso* (pp. 192-212). Quito: PUCE.
- Flores, L. C. S., & Costa Mendes, J. (2014). Perspectivas do destino turístico: repensando o sentido do conceito. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 8(2), 222-23 [Link](#)
- Haesbaert, R. (2008). Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In Á. L. Heidrich, C. L. Z. Pires, B. P. Costa, & V. Ueda (Org.). *A Emergência da Multiterritorialidade: A resignificação da relação do humano com o espaço*. (pp. 19-36). Porto Alegre: Ulbra.
- Hall, S. (2006). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2018). *Cidades@*. [Link](#)
- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IparDES (2008). *Cadeia Produtiva do Turismo no Paraná: Estudo da região turística do Litoral*. Curitiba: IPARDES. [Link](#)

Filippim, M. L., Chemin, M., & Barros, S. M. (2023). Adaptação e relações dos trabalhadores da construção civil com o lugar e a balnearização de Matinhas, Paraná [Brasil]. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 15(1), 1-22. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061v15i1p1>

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2011, fevereiro). *Ocupação do setor de turismo no Brasil: Análise da ocupação nas principais ACT's nos estados, regiões e Brasil*. Brasília, DF: IPEA. [Link](#)

Lanzer, R. M., Ramos, B. V. C., & Marchett, C. A. (2013). Impactos ambientais do turismo em lagoas costeiras do Rio Grande do Sul. *Caderno Virtual de Turismo*, 13(1), 134-149. [Link](#)

Lefebvre, H. (1991). *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*. São Paulo: Ática.

Lefebvre, H. (2006). *A Produção do Espaço*. Paris: Anthropos, 2000).

Lozato-Giotard, J. P. (1990). *Geografía del Turismo: Del espacio contemplado al espacio consumido*. Barcelona: Masson.

Martins, J. F. (2018). Turismo em ilhas - sustentabilidade e globalização. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1, 2004, 15-20. [Link](#)

Martoni, R. M. (2014). *Por uma ontologia do espaço turístico: Contribuições para uma consciência do real e do possível*. Tese, Doutorado em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Brasil. [Link](#)

Merriam, S. B. (2002). *Qualitative Research in Practice: Examples for discussion and analysis*. San Francisco: Jossey-Bass.

Moura, R., & Werneck, D. Z. (2000). Ocupação contínua litorânea do Paraná: Uma leitura do espaço. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, 99, 61-82. [Link](#)

Pearce, D. G. (2003). *Geografia do Turismo: Fluxos e regiões no mercado de viagens*. São Paulo: Aleph.

Pinto, J. M., & Queiroz, M. C. (1996). Flexibilização da produção, mobilidade da mão-de-obra e processos identitários na construção civil. *Sociologia: Problemáticas e Práticas*, 19, 9-29. [Link](#)

Pleper, D. S., Behling, G. M., & Domingues, G. (2014, outubro). Pertencimento, patrimônio e meio ambiente: Um diálogo necessário para a sustentabilidade. *Revista Desarrollo Local Sostenible*, 7(1), 1-9. [Link](#)

Salom, M. B., & Yrigoy, I. (2016). La planificación del turismo em áreas litorales em España. In M. Simancas Cruz (Org.), *La Planificación y Gestión Territorial del Turismo*. (pp. 175-204). Madrid: Síntesis.

Sampaio, R. (2006). Ocupação das Orlas das Praias Paranaenses pelo Uso Balneário. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 13, 169-186. [Link](#)

Schmid, C. (2012). A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. *GEOUSP Espaço e Tempo*, 16(3), 89-109. [Link](#)

Filippim, M. L., Chemin, M., & Barros, S. M. (2023). Adaptação e relações dos trabalhadores da construção civil com o lugar e a balnearização de Matinhas, Paraná [Brasil]. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 15(1), 1-22. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061v15i1p1>

- Trigo, L. G. G. (1998). *A Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo*. Campinas, SP: Papirus.
- Tuan, Y. (1983). *Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel.
- Urry, J. (2001). *O Olhar do Turista - lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, Sesc.
- Valls, J., Bustamante, J., Gusmán, F., & Vila, M. (2006). *Gestão Integral de Destinos Turísticos Sustentáveis*. Rio de Janeiro: FGV.
- Vasconcelos, P. D. A. (2018). A utilização dos agentes sociais nos estudos de geografia urbana: Avanço ou recuo. A produção do espaço urbano: Agentes e processos, escalas e desafios. In A. F. A. Carlos, M. L. Souza, & M. E. B. A. Sposito (org.). *A Produção do Espaço Urbano: Agentes e processos, escalas e desafios*. (pp. 75-96). São Paulo: Contexto.
- Vera Rebollo, J. F., & Baños Castiñeira, C. J. (2010). Renovación y reestructuración de los destinos turísticos consolidados del litoral: Las prácticas recreativas en la evolución del espacio turístico. *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles*, 53, 329-353. [Link](#)
- Vinuto, J. (2014, dezembro). *A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um debate em aberto*. *Campinas*, 22, 203-220. [Link](#)
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Zaoual, H. (2008, junho). Do turismo de massa ao turismo situado: Quais as transições? *Caderno Virtual de Turismo*, 8(2), 1-14. [Link](#)

NOTAS

ⁱ O respondente utiliza a linguagem coloquial “400 paus” para se referir a 400 mil reais, que correspondiam a aproximadamente 129 mil dólares, quando convertidos pelo câmbio vigente à época da recolha do depoimento. Trata-se de um valor significativo, considerando a origem humilde do entrevistado, pois equivale ao preço de um apartamento médio no Bairro de Caiobá, conforme a pesquisa constatou em anúncios publicados na cidade no mesmo período.

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 02 mar. 2022

Aceito: 11 jan. 2023